

Artigo de Investigação

Religião: património cultural e artístico na afirmação identitária do Reguengo do Fetal - Portugal

Religion: the cultural and artistic heritage in the Reguengo do Fetal identity affirmation - Portugal

Fernando Magalhães¹: CRIA-ISCTE e IN2PAST / ESECS - Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.

fernando.magalhaes@ipleiria.pt

José Vicente: ESECS - Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.

jose.vicente@ipleiria.pt

Data de receção: 20/12/2024

Data de aceitação: 25/01/2025

Data de publicação: 30/01/2025

Como citar o artigo

Magalhães, F. y Vicente, J. (2025). Religião: património cultural e artístico na afirmação identitária do Reguengo do Fetal - Portugal [Religion: the cultural and artistic heritage in the Reguengo do Fetal identity affirmation - Portugal]. *European Public & Social Innovation Review*, 10, 1-20. <https://doi.org/10.31637/epsir-2025-1395>

Resumo

Introdução: Os resultados apresentados neste texto são fruto de uma investigação sobre a aldeia portuguesa Reguengo do Fetal, o seu património cultural e a construção da sua identidade local. Esta aldeia, localizada no concelho da Batalha, é conhecida em Portugal pela Romaria em honra de Nossa Senhora do Fetal e pelas Procissões de Caracóis. **Metodologia:** A investigação baseou-se num trabalho de campo com observação participante, em sentido lato, para estudar o património cultural local e as estratégias de apropriação do mesmo. O foco foi a forma como este património contribui para a construção de sentimentos de pertença num contexto globalizado. **Resultados:** Identificou-se que, tal como noutras comunidades católicas, como Fátima, a vida religiosa em Reguengo do Fetal, centrada na aparição da Virgem Maria, é uma componente fundamental das vivências culturais locais. O milagre atribuído à Virgem é a base do importante património cultural, material e imaterial, da comunidade. **Discussão:**

¹ **Autor correspondente:** Fernando Magalhães. CRIA-ISCTE e IN2PAST/ESECS e ESSLei - Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.

Este património marca os lugares de memória mais importantes para os habitantes do Reguengo do Fetal e analisou-se como as estratégias de apropriação cultural contribuem para a afirmação de um sentimento de pertença no mundo globalizado. **Conclusões:** O estudo deste património cultural local permite perceber como as comunidades mantêm a sua identidade e ligação ao passado num contexto de globalização.

Palavras-chave: património cultural e artístico; religião; identidade local; lugares de memória; Nossa Senhora do Fetal; aparições; Reguengo do Fetal; Portugal.

Abstract

Introduction: The results presented in this text are part of a research project on the Portuguese village of Reguengo do Fetal, its cultural heritage, and the construction of its local identity. This locality, located in the municipality of Batalha, is nationally known for the Romaria in Honor of “Nossa Senhora do Fetal”, highlighted by the “Caracol Processions”. **Methodology:** The research was based on fieldwork with broad participant observation, aimed at studying the local cultural heritage and strategies for its appropriation. The focus was on how this heritage contributes to the construction of feelings of belonging in the globalized context of the 21st century. **Results:** It was found that, as in other Catholic communities like Fátima, the religious life in Reguengo do Fetal, centered on the appearance of the Virgin Mary, is a key component of local cultural experiences. The miracle attributed to the Virgin is the origin of the community and its most significant cultural heritage, both material and immaterial. **Discussion:** This heritage marks the most important memory sites for the locals, and the study analyzed how appropriation strategies help affirm the sense of belonging in the globalized world. **Conclusions:** The study of this local cultural heritage provides insight into how communities maintain their identity and connection to the past in the context of globalization.

Keywords: cultural and artistic heritage; religion; local identity; places of memories; Our Lady of the Fetal; appearances; Reguengo do Fetal; Portugal.

1. Introdução

Esta investigação foi realizada na localidade Reguengo do Fetal, uma comunidade local portuguesa situada no concelho da Batalha, antigo distrito de Leiria e província da Estremadura, atual NUT II – Região Centro de Portugal e NUT III, sub-região do Pinhal Litoral.

As primitivas origens da comunidade remontam a tempos pré-históricos segundo João Leal (1873). A atual freguesia do Reguengo do Fetal foi criada no “dia de S. João do ano de 1512 da nossa Era ... pelo bispo da Guarda” (Calado, 2001, p. 349). Segundo os censos do INE, esta comunidade possuía cerca de 1900 habitantes em 2021 (INE, 2021), professando, na sua maioria, o catolicismo romano. Nesta comunidade local, realiza-se todos os anos, no último fim de semana de setembro e primeiro de outubro, a romaria em honra de Nossa Senhora do Fetal.

Estas festividades religiosas, marcando o fim do verão e o início do outono, constituem um dos maiores, senão o maior momento de afirmação da identidade local, tanto a nível regional, como a nível nacional, e mesmo internacional. Em seu torno é reunido e ativado o património cultural material e imaterial mais significativo da comunidade. As festas são a manifestação, a exibição pública desse(s) património(s) culturali(s) associados a atos de fé, provenientes de tempos medievais (Filho, 2020).

Em torno destas festas religiosas, desenvolveu-se um património cultural material e imaterial que serve de referência para a construção e reconstrução da identidade cultural local. Este património é constituído por dois templos, uma capela e a casa dos peregrinos, do ponto de vista material. Existe ainda um profícuo património imaterial associado à religião, que ganha a sua máxima expressão na já mencionada romaria em honra de Nossa Senhora do Fetal.

O trajeto percorrido pela procissão e outros pontos estratégicos da aldeia são iluminados por milhares de cascas de caracóis, nas quais se insere azeite e um pavio que iluminarão todo o trajeto percorrido pelas procissões. Além da festa religiosa, há ainda o lado profano das festividades, onde se exibem outros patrimónios, tais como o musical ou o gastronómico, e a doçaria, em particular.

A instituição do Reguengo do Fetal como freguesia, resultou do reconhecimento da importância que a localidade tinha no século XVI, enquanto sede de um dos santuários marianos mais importantes daquela altura. Aí teria aparecido Nossa Senhora a uma pastora que se encontrava com fome e sede a pastar o gado. A aparição teve como consequência um milagre, sendo que estes milagres estão na génese da comunidade local e da edificação dos seus principais patrimónios culturais, que ocupam, atualmente, locais sagrados que lembram aos habitantes locais essa aparição. São os lugares de memória do Reguengo do Fetal.

Não obstante os desafios que a secularização do Estado português colocou ao poder religioso, particularmente entre os séculos XIX e XX, a devoção e a crença em Nossa Senhora não diminuiu, mas adaptou-se aos tempos, constituindo parte da dinâmica sociocultural local. Atualmente, existe esta sincronia entre o sagrado e o secular, em que os templos e outro património associado continuam a servir os rituais religiosos, mas também são assumidos como património cultural material da freguesia.

Com a pretensão de entender estes encontros entre a função religiosa e a patrimonial, na afirmação da identidade local do Reguengo do Fetal, neste século XXI, organizámos este texto em duas partes. Na primeira, “Das Aparições ao Milagre de Nossa Senhora do Fetal: conceitos e contextos”, procuraremos entender e discutir as aparições da virgem Maria e os milagres por ela concedidos, no contexto da tradição religiosa católica. Refletiremos, em particular, sobre o aparecimento de Nossa Senhora do Fetal, enquanto a origem de tudo, da comunidade e dos seus maiores símbolos materiais, que é o património cultural da freguesia.

Dentro do património cultural local, venera-se, atualmente, a imagem de Nossa Senhora do Fetal, que, como veremos, terá aparecido na Idade Média a uma habitante local. Para os locais, esta imagem materializa e testemunha as aparições da virgem e os milagres por ela concedidos.

Em “Patrimónios culturais e artísticos de Nossa Senhora do Fetal e seus lugares de memória” analisaremos os processos que conduzem à mudança do valor do património monumental, numa dinâmica em que o valor de uso religioso é substituído pelo secular. Como o clero foi um dos maiores produtores de obras de arte medievais, grande parte do património cultural nacional que atualmente se encontra na posse do Estado e que serve como referencial para uma comunidade de identidade nacional, proveio das ordens religiosas medievais.

Em casos como o Reguengo do Fetal, a mudança da sociedade medieval para a moderna e a construção da ideia de cidadania implicou também a transformação do valor do património cultural imóvel. A crença em Nossa Senhora do Fetal mantém-se e o valor funcional dos edifícios religiosos também.

Contudo, a estes acrescentou-se a classificação moderna de património cultural, designadamente de imóveis de interesse público, pelo que os templos sagrados, são agora representativos da identidade local de Reguengo do Fetal. Em resumo, esta investigação incide sobre os significados locais do património cultural material do Reguengo do Fetal, partindo de conceitos culturalmente pensados e construídos pelos atores locais, que assim afirmam a sua identidade cultural.

2. Metodologia

Esta investigação baseou-se sobretudo na metodologia etnográfica, em que ao contrário de abordagens quantitativas, onde a generalização é um elemento central, neste tipo de metodologia qualitativa, a particularização ganha destaque. Os nossos objetivos passaram por uma compreensão mais profunda e contextualizada da afirmação da identidade local reguengueira, tendo como referência o património cultural e artístico do Reguengo do Fetal.

Este património cultural, maioritariamente associado às crenças religiosas, ocupou espaços simbólicos na freguesia, no que denominámos por lugares de memória. Neste sentido, além da consulta de documentação pertinente, pretendemos, através da realização de entrevistas etnográficas, registar, ler e interpretar os pensamentos que habitavam as mentes dos habitantes locais, acerca dos significados atribuídos ao seu património cultural, a partir dos seus próprios pontos de vista (Geertz, 1989; Vieira, 2009; Vieira e Vieira, 2010).

No trabalho de investigação que originou este texto, reconhecemos a interconexão de diversos fatores sociais e culturais e a influência do contexto natural na compreensão dos fenómenos em estudo. Exploramos as nuances das interações entre os habitantes do Reguengo do Fetal, o seu ambiente e o património cultural local, considerando a riqueza de significados atribuídos a este património ligado à figura religiosa mais importante da comunidade, a Nossa Senhora do Fetal.

Neste sentido, através desta abordagem qualitativa, pretendemos capturar a complexidade, a singularidade e a contextualização dos fenómenos investigados. Essa abordagem permitiu uma análise mais profunda dos fenómenos sociais e culturais, valorizando a qualidade e a interpretação dos mesmos, em detrimento da sua quantificação, o que foi essencial para explorar e compreender eventos complexos e contextuais, que não poderiam ser plenamente entendidos através de uma perspetiva mais quantitativa e generalizável.

O trabalho de campo etnográfico que orientou a nossa investigação, assumiu uma perspetiva contemporânea, podendo ser entendido como “uma abordagem ampla que incorpora uma variedade de métodos além da observação participante. Estes vão desde o uso de dados estatísticos, pesquisas de opinião, arquivos históricos e o uso de análise textual, até biografias, histórias orais, entrevistas gravadas e conversas informais”.

(Shore, 2005, p. 7). Se, por um lado, consultámos várias fontes documentais, designadamente estudos diversos que já foram produzidos sobre Nossa Senhora do Fetal (Pereira; Espírito-Santo, 1987; Calado, 2001), por outro, o trabalho de campo permitiu aceder aos pensamentos e às vozes de vários habitantes locais, sobre a freguesia, e o papel do património cultural, na construção da identidade local.

O trabalho de campo etnográfico decorreu entre setembro de 2022 e janeiro de 2023, tendo proporcionado ouvir e analisar os discursos que os reguengueiros possuem sobre a romaria da Nossa Senhora do Fetal, e em particular sobre o património material e imaterial associado a esta, bem como a sua importância no seio da comunidade local.

Recorremos à entrevista etnográfica, por corresponder mais eficazmente aos nossos objetivos, pois enquanto abordagem aberta, permitiu conceder o máximo de liberdade aos nossos informantes relativamente às problemáticas em discussão. Durante este período efetuámos entrevistas narrativas, e utilizámos técnicas de levantamento de dados etnográficos recorrendo a gravadores e a telemóveis, que nos permitiram registar fotograficamente e em vídeo, o património cultural local.

Num segundo momento, para procedermos à análise etnológica dos dados recolhidos em trabalho de campo, consultámos diversas fontes documentais diretas e indiretas (Fernandes, 1995; Magalhães, 2012), designadamente publicações em revistas científicas, imprensa, capítulos de livros e livros produzidos sobre as particularidades culturais da região, assim como outra documentação.

Relativamente aos entrevistados, procurámos selecioná-los de forma a obtermos uma visão alargada sobre as manifestações culturais locais. Entrevistámos vários informantes locais, representativos de lideranças religiosas e administrativas locais, de classes etárias mais jovens e/ou mais elevadas, assim como emigrantes. Destas, usámos cinco entrevistas, que se adequaram aos objetivos deste texto.

3. Das Aparições ao Milagre de Nossa Senhora do Fetal: conceitos e contextos

Muito tempo antes do aparecimento do mundo científico, que causou uma certa disrupção no tempo e no espaço mundiais, homens e mulheres, de várias civilizações, procuraram respostas para a sua vida e consequente finitude, em seres sobrenaturais. A morte e, sobretudo, o que aconteceria depois dela, tem sido tema central, comum a várias civilizações, desde os nossos antepassados mais remotos até à atualidade. Por volta de “35.000 A.C. os seres humanos já praticavam o culto religioso, cuja preocupação com o que sucederia depois da morte é visível tanto na forma como preparavam os corpos post mortem, como na disposição com que os enterravam” (Bezerra, 2011, p. 2).

Fosse para agradecer a prosperidade ou para prevenir tragédias, homens e mulheres de todos os tempos criaram os seus santos e santas, deuses e deusas, politeístas ou monoteístas, aos quais acrescentaram práticas sagradas. Em honra deles, os humanos construíram cemitérios e objetos funerários, assim como dos mais singelos aos mais sumptuosos templos, que adornaram com esculturas, ora à escala humana, ora sobrehumana.

Esses templos eram da mesma forma embelezados com pinturas não menos magníficas, para além de toda a parafernália de têxteis e de objetos diversos, fabricados dos mais raros e caros materiais, onde abundavam a prata e o ouro (Magalhães, 2005). Templos egípcios, greco-clássicos ou romanos, as igrejas, abadias e catedrais medievais, algumas ainda em construção como a igreja da Sagrada Família, em Barcelona, constituem testemunhos de fé que sobreviveram ao tempo e se transformaram nas maiores manifestações artísticas de muitas das sociedades atuais. Estes objetos sagrados demarcavam locais simbólicos onde alguma divindade teria vivido e, ou, aparecido aos seres humanos.

No caso do cristianismo, as aparições da Virgem Maria, considerada a mãe do fundador, Jesus Cristo, remontam aos inícios da Idade Média, e começaram a adquirir relevo entre os cristãos no século IV, prolongando-se até ao século XX (Barnay, 1999). Embora as aparições não tenham sido “consensuais no âmbito do catolicismo” (Sales, 2013, p. 318), constituíram-se em temas centrais para a invenção e reinvenção, ou renovação da religião cristã.

Mesmo depois da emergência e da consolidação da ciência, as aparições foram fundamentais para manter viva e ativa a chama da religião, nas sociedades europeias. Na Europa dos séculos XIX e XX, por exemplo, assistiu-se a algumas das mais simbólicas aparições, tais como as de Nossa Senhora de Lourdes, na França, em que a virgem apareceu à jovem Bernadette Soubirous, em 1858 e, em Portugal, as aparições de Fátima, em que Nossa Senhora teria emergido perante três pastores, Francisco, Marta e Lúcia, por diversas vezes, entre 1915 e 1917.

No caso português, segundo a versão oficial, em 1915 teria aparecido, na Cova de Iria, um Anjo, por três vezes às crianças, e a 13 de maio de 1917, Nossa Senhora teria feito a primeira aparição, à qual se seguiram mais cinco vezes, no dia 13 de cada mês, entre junho e outubro, à exceção de agosto em que essa aparição teria ocorrido no dia 19 (Narrativa das Aparições de Fátima, 2024). As aparições marianas são especialmente simbólicas, porque colocam Maria num lugar central do cristianismo e transformam-na numa mediadora entre os crentes e Deus, e “como Mãe de Misericórdia é central nas aparições contemporâneas” (Sales, 2013, p. 321).

No caso português, as aparições de Fátima adquiriram especial relevo porque resultaram de uma resposta a, pelo menos, dois séculos, de tentativas de secularização do Estado-Nação. O liberalismo português, aprofundado pelo setembrismo, em 1836, indo beber aos ideais da Revolução Francesa, considerava a religião como um fator de atraso ao desenvolvimento económico, científico e industrial do país, assim como uma barreira à concretização da comunidade de identidade nacional, uma vez que as lealdades dos cidadãos se dirigiam para poderes clericais descentralizados.

Neste contexto, em 1834 foram extintas quase todas as ordens religiosas que permaneciam em território português, sendo o seu património nacionalizado. Desta forma, o património religioso, antes identificado com a religião, passou a revestir-se de novas linguagens dessacralizadas, passando agora a identificar-se com o secularismo nacional. Em 1910 deu-se um novo golpe na fé religiosa, com a fundação da República, em Portugal. O novo governo de Teófilo Braga promulgou a lei de separação da Igreja e do Estado, nacionalizando o resto dos bens da Igreja, que ainda permaneciam ao serviço da fé. Mais uma vez, o clero era visto como uma barreira aos propósitos educativos e civilizacionais do Estado. Este período coincidiu com o fim, em definitivo, das antigas instituições religiosas, sendo todo o seu património nacionalizado (Magalhães, 2005).

É neste quadro sociocultural que, tal como refere Sales, as aparições marianas ganham novo relevo, nos séculos XIX e XX,

em um contexto em que a ciência e a razão ganham espaço e legitimidade. As aparições de Nossa Senhora representam a fé contra o racionalismo e o positivismo. Assim, apesar da longa história destas manifestações no catolicismo, o século XIX representa um momento específico de organização de um padrão para estes fenômenos, processo no qual alguns agentes da Igreja assumem papel de destaque (Sales, 2013, p. 321).

No caso de Reguengo do Fetal, Nossa Senhora teria aparecido durante a Idade Média, não estando registado um ano em específico. Os habitantes locais referem-se à aparição, através da qual é concedido um milagre, em que Nossa Senhora atribui pão e água a uma pastora que, andando com o seu rebanho no pasto, padecia de fome e de sede.

Lurdes Gaio, uma habitante local entrevistada em 30/09/2022, referiu-se à aparição da seguinte forma:

Andava uma menina sozinha ali no cabeço guardar o seu rebanho e estava a chegar (quando) lhe apareceu uma Senhora, saída de um tufo de fetos e que lhe perguntou, menina por que choras? Tenho fome minha Senhora, dói-me a barriga e não tenho pão para comer! Vai à tua mãe que a tua mãe tem pão para te dar. Mas, eu não posso deixar o rebanho! Vai que eu tomo conta do teu rebanho [retorquiui Nossa Senhora]. A menina foi abrir a arca e ela estava cheia de pão. Ela encheu a barriguinha e subiu ao cabeço, e foi ter com a Senhora, e a Senhora que lhe perguntou, já passou a dor de barriga? Já minha Senhora! Mas tenho tanta sede, (...) e a Senhora disse - faz aí uma barroquinha, volta e aparece água para ti e para as ovelhas e assim parece que foi. (Lurdes Gaio, entrevistada em 30/09/2022).

A aparição de Nossa Senhora do Fetal, foi adquirindo importância ao longo da Idade Média, em que “gozou de romarias e de peregrinações muito importantes no passado, à semelhança da S.^a da Nazaré” (Pereira; Espírito-Santo, 1987, p. 59), tendo decaído de importância, tal como a sua congénere Nossa Senhora da Nazaré, em virtude da ascensão do Santuário de Fátima.

Atestando a importância desta aparição, antes da emergência de Fátima, um dos entrevistados referiu que

a senhora apareceu numa feteira, como nos conta a história, havia muita devoção à Senhora da Fetal, portanto eu tenho imagens de procissões da Senhora do Fetal, em que as pessoas iam de joelhos da [igreja] matriz ao santuário, em terra batida. Não era fácil fazer esta percurso, mas era muita fé e, a Senhora do Fetal, também em termos do que está escrito é que se faziam peregrinações à Senhora do Fetal a pedir chuva, ... sei que vinham as pessoas das freguesias vizinhas, de Fátima, ainda não existia a Senhora de Fátima na altura, que vinham aqui pedir chuva ... quando saíam daqui e quando chegavam a casa já chovia (Fernando Lucas entrevistado em 01/10/2022).

Assim a ela se referia a publicação “O Couseiro” (1868),

faz a Senhora muitos milagres, e todo o ano há concurso de gente, que vem em romaria, e muitas pessoas se pesam a trigo e se oferecem muitas mortalhas. As ofertas desta Ermida são do Prelado, por contrato feito com o Cabido, e também é obrigado à fábrica da Ermida, suposto que muitas vezes se fabricou de esmolas, e pelos oficiais (O Couseiro, 1868).

As aparições de Lurdes e de Fátima, e as proporções que estes santuários marianos atingiram, acabou por ofuscar outros fenómenos religiosos mais antigos, tal como o de Nossa Senhora do Fetal. Estes factos têm determinado que estas aparições se mantenham afastadas do foco de análise e de intervenção das autoridades religiosas, constituindo, contudo, factos inquestionáveis para os habitantes locais, que assim têm legitimado e reinventado a tradição todos os anos.

Noutros locais, em que as aparições atingiram proporções significativas, originando santuários globais, como os de Lurdes ou de Fátima, atraindo milhões de peregrinos internacionais, os questionamentos, as polémicas e as discussões em torno da veracidade das aparições não tardaram a surgir, mesmo dentro das hierarquias religiosas.

As discussões e disputas sobre a crença na veracidade das aparições estendem-se a diversos

níveis e setores da Igreja, desde a paróquia até o Vaticano, podendo ser observadas em posturas e políticas adotadas pelos sacerdotes – desde o pároco da comunidade até o papa. Existem, pois, diferentes planos de análise, desde um plano institucional mais distante – especialmente o Vaticano e as políticas e práticas estabelecidas por ele através de seu representante –, até um plano de análise mais próximo dos fenômenos, que ocorre nos locais das manifestações, nas relações estabelecidas com o bispo da localidade e os sacerdotes das proximidades (Sales, 2013, p. 319).

De acordo com Lilian Sales (2013), é fundamental para a legitimação destes fenômenos que são as aparições, o seu reconhecimento pelas entidades religiosas, desde as locais, às regionais, nacionais e internacionais. Dentro destas, destacou-se o papa João Paulo II como um dos grandes defensores das aparições. Da mesma forma se sublinhou, no plano teológico “René Laurentin, considerado o mais importante teólogo mariano da atualidade e ardente defensor das aparições de Nossa Senhora, formulador e disseminador de importantes ideias e crenças sobre as aparições. Suas concepções sobre as manifestações marianas circulam pelo mundo” (Sales, 2013, p. 320).

Em muitos locais, tal como no Reguengo do Fetal, as aparições, assim como os milagres a elas associados, não podem ser desligadas do tempo e do espaço em que ocorrem. Antes da emergência do Estado-Nação, Portugal, tal como outros reinos medievais europeus, possuía uma economia baseada na pesca, na agricultura e na pastorícia. Mesmo depois da Revolução Industrial, no caso português, a industrialização foi incipiente e concentrada em alguns grupos económicos monopolistas, situação que se manteve até ao fim da ditadura do Estado-Novo de Salazar, em 25 de abril de 1974.

Tratando-se de uma sociedade que vivia sobretudo de uma agricultura de sobrevivência, pouco tecnológica e suscetível aos humores do tempo, os períodos de fome eram recorrentes e tornavam-se terrenos férteis para a crença no divino, e por consequência para as aparições da virgem e consequentes milagres. Situadas no seu contexto espaciotemporal, estas aparições associavam-se a milagres em que os seres divinos proviam os humanos de alimentos, ou lhes concediam saúde, em tempos em que ela era, frequentemente, precária.

Como vimos pelo testemunho local de Lurdes Gaio, a pastora a quem Nossa Senhora apareceu, “foi abrir a arca e ela estava cheia de pão”. Ela foi ter com a Senhora ... que lhe perguntou, já passou a dor de barriga? Já minha Senhora!”

Como refere Braga (2019), os milagres que eram concedidos por Nossa Senhora, quando esta aparecia aos mortais, foram particularmente úteis no início da Cristandade, para converter os infiéis” (Braga, 2019, p. 81). Eles eram importantes na busca de explicações para os problemas que se colocam à vida, incluindo a sua própria finitude, tais como outras questões relacionadas com a saúde, a fortuna ou o azar, que poderiam derivar em pestes, ou na precariedade alimentar, entre outros fenômenos sociais ou naturais. Já depois dos séculos das luzes e da revolução científica, e, não obstante os milagres terem sido “desacreditados depois da revolução científica” (Braga, 2019, p. 82), muitas comunidades continuaram a acreditar neles e no seu poder, tanto no século XX como na atualidade.

Ao contrário de outras religiões como o islamismo ou o ortodoxismo, o catolicismo objetifica os seus santos e santas, e demais seres divinos, em estátuária. Relativamente ao islamismo, o culto à imagem é proibido. Na base desta interdição estaria o facto de que “no Dia do Juízo, as imagens deverão ser ressuscitadas por seu autor” (Hanania, 1999, 15), que é Deus e não o homem. Logo, criar esculturas sobre os seres sobrenaturais é colocar o homem em paridade com Deus, o que não é admissível para o islamismo.

Por outro lado, como cita Ferreira (2002) “no período do profeta Muhammad (Maomé), século VII, o grande perigo para os adeptos ao Islã era o culto às esculturas, estátuas de bronze. A imagem figurativa apresentava um impedimento, pois esta representava a criação divina. Não se deve copiar o que Deus criou, pois tudo o que ele fez (faz) é perfeito, na lógica islâmica” (Ferreira, 2002, p. 22).

Por seu lado, no caso da Igreja Ortodoxa, Loiacono refere que

um dos principais aspetos da devoção ortodoxa se centra nas santas imagens, conhecidas também como Ícones. Diferentemente das Igrejas Latinas que têm em seus templos a presença de imagens esculpidas, o Igreja Ortodoxa só admite imagens pintadas a partir de determinado padrão que irá diferenciá-las de pinturas comuns, mesmo as de temática religiosa (Loiacono, 2010, p. 33).

No caso do catolicismo romano, a imagem esculpida está presente em todas as manifestações de fé e simboliza o ser divino em honra do qual são feitas as festas. Como se pode constatar no caso de Nossa Senhora do Fetal, assim mencionada por se acreditar que a Virgem Maria teria aparecido no meio de um campo de fetos (Pereira; Espírito-Santo, 1987) a estátua representativa da virgem incorpora o aparecimento de Nossa Senhora, emergindo como um testemunho tangível da vinda de Maria, mãe de Jesus, ao mundo terreno.

A estátua gótica de Nossa Senhora com o menino Jesus ao colo, símbolo da sua aparição, que representa Nossa Senhora do Fetal, não foi, provavelmente, resultado do labor local, mas antes, teria sido “achada por uma pegureira em uma fiteira (monte de fectos) onde a ermida foi construída” (Leal, 1878). De acordo com os investigadores Severino Pereira e Moisés Espírito-Santo “a imagem da Senhora do Fetal tem pouco mais de um palmo, muito morena, sentada numa cadeira que é como se representava antigamente a Senhora (a Senhora em Majestade), é gótica (...), sem dúvida anterior ao mosteiro da Batalha” (século XIV) (Pereira; Espírito-Santo, 1987).

Para os habitantes locais, a imagem de Nossa Senhora do Fetal, testemunha das aparições, e dos milagres, e as manifestações de fé que originaram a romaria, ocorreram “antigamente”, ou há “muito tempo”, como nos referiu Lurdes Gaio. Neste contexto, a mais antiga manifestação do culto mariano desta comunidade está associada à imagem da “Nossa Senhora do Fetal. Esta escultura é referenciada em documentos medievais intitulada de Santa Maria da Magueigia, vindo posteriormente a ser denominada de Santa Maria do Reguengo e, atualmente, conhecida como Virgem Nossa Senhora do Fetal” (Gomes, 2012, p. 27).

Desconhece-se, ao certo, o autor da escultura que representa Nossa Senhora do Fetal, descrita por Frei Agostinho de Santa Maria como uma imagem “feita pelos anjos”, mas, de acordo com o estudo iconográfico e autoral de Marco Daniel Duarte (Historiador de Arte e Diretor do Departamento de Património Cultural da Diocese de Leiria-Fátima), aponta-se para o escultor João Afonso, ativo entre 1439-1469, da escola do Mosteiro da Batalha, com oficina em Coimbra e na Batalha.

A imagem, “de pouco mais de um palmo” (Pereira; Espírito-Santo, 1987, p. 59), elaborada em pedra de Ançã, insere-se, de acordo com o especialista, no contexto do movimento Devotio Moderna ou Devoção Moderna, obedecendo a uma construção piramidal, apresentando-se a santa sentada num trono, com o menino ao colo, segura um Globo, símbolo do mundo redimido, e é coberta por um manto, sobre o qual repousa a coroa em ouro. A Senhora com o menino ao colo, segura-lhe num pé do menino, enquanto este, segura o outro.

A escultura foi restaurada em 2022, sendo desvendadas sob as camadas pictóricas, anteriores intervenções, que destacam a vontade de, no passado, manter e conservar a imagem. Segundo Frei Agostinho de Santa Maria (no Santuário Mariano Tomo III - 1711) e o Padre Jacinto dos Reis, a imagem foi pintada entre 1860 a 1870 por um frade arrábido (Reis, 1957).

A imagem incorpora a aparição de Nossa Senhora do Fetal e o consequente milagre por ela feito, designadamente o pão e a água com que milagrosamente alimentou a pastora, deu origem a uma série de patrimónios culturais que se mantiveram até ao período atual e são fundamentais para se compreender a construção e afirmação da identidade local.

Não só o património material associado a este acontecimento religioso, como o imaterial, constituem os elementos mais marcantes da comunidade, pois atraem todos aqueles cujos sentimentos afetivos de pertença se conectam com Reguengo do Fetal. Testemunhámos que a romaria em honra de Nossa do Fetal, que se realiza todos os anos, no último fim de semana de setembro e primeiro de outubro, constitui um momento ímpar na vida da comunidade local.

Ela faz o “milagre” da reunião de todos os reguengueiros, independentemente da classe etária, género, ou outra, que partilham dos mesmos sentimentos de pertença à comunidade, identificando-se com a mesma. Habitantes locais permanentes, que vão para além do nascimento, pois este lugar já reúne imigrantes, designadamente brasileiros, partilham do mesmo comportamento cultural que os jovens da freguesia que estudam em locais mais ou menos distantes, assim como de emigrantes que outrora partiram para outros países.

Os mais representativos são os emigrantes nos Estados Unidos da América. Maria Carvalho, natural de Reguengo do Fetal, e entrevistada em 30 de setembro de 2022, refere que “nos preparativos para a festa, em primeiro lugar, é a alegria de termos cá os emigrantes, para eles, um bem-haja” (Procissão dos Caracóis, 2024).

O jovem António Carvalho afirma “eu sou natural do Reguengo do Fetal. No momento não vivo cá [...] na festa de Nossa Senhora do Fetal costumo ser ativo sim, venho sempre ajudar nas iluminações [...] quero vir cá trabalhar e fazer parte da comunidade” (entrevistado em 01/10/2022).

Joaquim Santo, emigrante nos Estados Unidos da América refere “nasci aqui, no Reguengo do Fetal, volto todos os anos e aqui na festa, é tudo feito na minha casa (gastronomia e doçaria) e ajudo no máximo que posso” (entrevistado em 30/09/2022).

A romaria em honra de Nossa Senhora do Fetal, enquanto celebração religiosa, dura vários dias, mais concretamente uma semana, e atrai romeiros e forasteiros de toda a região, tal como acontece com outras romarias portuguesas (Oliveira, 1984). Além de constituir um momento de encontro e de comunhão identitária entre todos os reguengueiros, a peculiaridade desta romaria, reside no facto dos percursos percorridos pelas duas procissões noturnas serem iluminados com cascas de caracóis. Este facto tem tornado Reguengo do Fetal num locus turístico. Cada vez são mais os turistas nacionais que a ele ocorrem, testemunhando um fenómeno cultural peculiar.

4. Patrimónios culturais e artísticos de Nossa Senhora do Fetal e seus lugares de memória

Até à Revolução Francesa, a sociedade europeia medieval era constituída por três grupos principais: nobreza, clero e povo. Não obstante esta simplificação, até porque havia muitas variações, homens mais ou menos livres, como os “ministeriais” (Rollo, 2013), a nobreza e o clero, apesar de minoritários em termos numéricos, eram os grupos mais privilegiados e a quem o povo devia algum tipo de servilidade.

Devido à concentração de riqueza nesses dois grupos privilegiados, partiram deles as maiores manifestações artísticas, seja no domínio da pintura, da escultura ou da arquitetura, numa simbiose entre o palácio/castelo do senhor feudal e a capela/igreja/catedral clericais (Duby e Laclotte, 1997).

Como referem Duby e Laclotte (1997),

nos tempos feudais, a fragmentação do poder real multiplicou os mosteiros. Cada senhor, desde que para tanto tivesse os meios, fundava um para suas próprias necessidades espirituais e as dos seus súbditos. Era o complemento natural do castelo, qual uma outra fortaleza, mais sólida, mais luxuosamente construída, pois parecia ainda mais útil” (p. 52).

Partiram do clero, as maiores manifestações artísticas. Em locais simbólicos para a religião, eram construídos mosteiros, conventos, catedrais que, comemorando vitórias vencidas em batalhas pela independência de reinos medievais, testemunhavam a fé cristã da nobreza e do povo durante a Idade Média.

Por exemplo, está já bem estudado o caso do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, em Portugal, mandado edificar por João I de Portugal, em finais do século XIV, como elemento comemorativo da vitória na batalha de Aljubarrota, em que o rei português atribuiu a vitória contra o rei Juan I de Castela, a Nossa Senhora. Em sua honra, mandou edificar um mosteiro, que entregou à Ordem dominicana, e que é, ainda hoje, um dos exemplares mais marcantes da arquitetura gótica da Europa (Magalhães, 2012).

Apropriado pelos discursos das lideranças que deram origem à comunidade nacional portuguesa, este mosteiro constituiu-se como um lugar de memória.

Noutros casos, as igrejas, capelas ou catedrais seriam construídas nos locais, ou suas vizinhanças, onde se acreditava terem surgido aparições de entidades divinas como a Virgem Maria ou sucedido qualquer tipo de milagre. Fátima é um exemplo claro destes factos, em que a capelinha das aparições se situa onde Nossa Senhora teria aparecido aos pastores, e todo o conjunto arquitetónico e artístico se localiza em torno da capelinha das aparições.

Nobreza e clero foram, portanto, os responsáveis pela construção de edifícios monumentais, esculturas ou pinturas que, com a transição para a sociedade secular, nos séculos XVIII e XIX, acabariam por serem nacionalizados. Palácios de pertença real como o palácio do Louvre, atualmente Museu do Louvre, ou edifícios religiosos marcantes como os mosteiros de Alcobaça ou da Batalha, acabaram nacionalizados, com a extinção da nobreza ou das ordens religiosas.

Contudo, o secularismo não significou a aniquilação da fé religiosa, bem pelo contrário, e como observámos anteriormente, acabaria gerando reações que conduziram ao aparecimento de novos santuários globalizados, e lugares de memória, como foi o caso de Lourdes ou Fátima.

Por outro lado, na atualidade, o sagrado conjuga-se com o secular e os edifícios ao serviço do culto religioso são frequentemente classificados como património cultural pelas autoridades locais, regionais e nacionais. Veremos, adiante, como a maior parte do património associado ao Reguengo do Fetal continua a cumprir a sua função religiosa, mas três dos seus templos estão também classificados, estatalmente, como imóveis de interesse público.

No que diz respeito ao Reguengo do Fetal, os lugares de memória mais significativos encontram-se associados à religião e concentram-se em torno do local onde a virgem terá aparecido à pastorinha. Os edifícios, que ocupam estes lugares, foram construídos ao longo do século XVI, tendo sido sujeitos a obras de conservação e de adaptação aos gostos das sociedades ao longo das diferentes épocas, num processo que se tem prolongado até à atualidade, como testemunharemos seguidamente.

Não sendo possível apontar uma data para o milagre que estará na génese do aumento da importância medieval do Reguengo do Fetal, é, no entanto, exequível determinar as datas em que foram construídos os seus principais monumentos. Estes estão associados ao nascimento da freguesia medieval, e sobretudo à aparição da virgem à pastorinha, e dos milagres por ela feitos.

Do património imóvel da freguesia, destacamos a Ermida da Senhora do Fetal, reconhecida pelo poder político nacional, em conjunto com a capelinha da memória, como património cultural material através da sua classificação enquanto imóvel de interesse público, em 2002 (Decreto n.º 5/2002, DR, I Série-B. n.º 42, de 19-02-2002).

A Ermida recebeu o título honorífico de Santuário, atribuído pelo papa (Pereira; Espírito-Santo, 1987), facto que atesta a sua significativa importância no contexto nacional. Foi construída em 1585, no lugar simbólico onde teria acontecido o milagre, e onde já teriam existido outras ermidas anteriormente. Depreende-se que a crença no milagre feito por Nossa Senhora do Fetal tenha nascido nesse mesmo século ou mesmo anteriormente.

Como referido em Joaquim Calado (2001), “a vetusta capelinha de Nossa Senhora do Fetal, em honra e louvor da Virgem Maria, perpetuando o milagre que variadíssimos autores citam, ali se tenha dado (...), foi reconstruída no ano de 1585” (p. 351). O final do século XVI marca, contudo, uma importância acrescida para este santuário no contexto português, tal como referido pelo sociólogo Moisés Espírito-Santo, para quem o santuário de “Nossa Senhora da Fé ou do Fetal constitui um dos santuários mais célebres e antigos marianos da região” (Espírito Santo, 2000, p. 112).

A ele acorriam muitos peregrinos, agradecendo pelos milagres ocorridos desde então, tais como milagres de devoção, de vencimento da fome, de escassez do trigo e de multiplicação de pão nas arcas dos lavradores, numa terra marcada, desde a origem, pela agropecuária, como era comum em tempos medievais. Para outros milagres existiam já outros santuários, como o da Virgem da Nazaré o de Nossa Senhora da Encarnação, na cidade de Leiria (Gomes, 2012).

O património cultural testemunha as dinâmicas sociais e culturais da comunidade ao longo dos séculos (Magalhães, 2005). Neste sentido, também o santuário em honra de Nossa Senhora do Fetal acompanhará os gostos e as maiores ou menores dificuldades económicas da comunidade local, sofrendo alterações e embelezamentos ao longo dos séculos.

Desta forma, de estilo maneirista, e num tempo em que o azulejo alcançava uma importância ímpar nos revestimentos parietais em Portugal (Magalhães, 2018), também as paredes internas e laterais do Santuário foram revestidas de azulejos, provenientes da fábrica do Juncal, em finais do século XVII. Atualmente, no coro alto do templo, sobressai o azul do painel de azulejos de Roque Gameiro (1905), alusivo ao milagre de Nossa Senhora do Fetal, mandado elaborar pelo pároco Manuel Carreira Ramos. O edifício do Santuário testemunha, também, o uso do azulejo como forma privilegiada de comunicação, à semelhança do que acontecia com a comunidade nacional (Magalhães, 2018).

Acompanhando a importância do culto em honra de Nossa Senhora do Fetal, as ofertas deixadas aos pés da Virgem do Fetal, que pertencia ao bispado Leiria, aumentaram significativamente ao longo dos tempos, passando a constituir uma parte importante das rendas dos bispos de Leiria. O interesse do clero da região de Leiria, onde se insere esta comunidade local, no santuário de Nossa Senhora do Fetal, foi aumentando na mesma proporção.

Neste sentido, foram vários os religiosos que patrocinaram obras de embelezamento e de expansão do templo religioso, como sucedeu com D. Frei José de Lencastre que patrocinou o alindamento da imagem da virgem milagrosa em 1680 (Gomes, 2012), ou com D. Manuel de Aguiar que ofereceu ao Santuário dois altares barrocos em agradecimento pelas avultadas quantias cedidas para a construção de um hospital na cidade de Leiria.

Próximo ao santuário, encontra-se a Capelinha das Memórias. Esta capela, demarcando o lugar onde a virgem apareceu, terá sido construída em meados do século XVII, sendo referida pelo “O Couseiro” (1868), como “um nicho fechado com a imagem de vulto de Nossa Senhora da Consolação, sobre um poço de água”.

Construída em cantaria e alvenaria de pedra calcária, e telha cerâmica, a capela é descrita por Isabel Mendonça (1991) como de

Planta longitudinal, rectangular, de reduzidas dimensões; volume simples coberto por telhado de 2 águas; empenas triangulares a Oeste e Este, porta aberta do lado Sul, janela rectangular aberta junto ao pavimento, do lado Este. Interiormente a capela é coberta por abóbada a berço pintada; nicho sobre o altar rasgado na parede Oeste com a imagem da padroeira, Nossa Senhora da Consolação. As paredes são revestidas a azulejos seiscentistas em azul e branco (Mendonça, 1991).

A esta capela está associada uma lenda que integra o património cultural imaterial do conjunto. Desta forma, segundo a tradição, no local onde a Senhora teria aparecido brotou uma fonte e aí foi erigida uma capela, chamada da Memória. Diz-se que a água da fonte curava as verrugas e no passado os crentes atiravam pela janela aberta junto ao pavimento tantas pedras ou tantos grãos de trigo, quantas as verrugas que queriam retirar; a cura completava-se com a lavagem das mãos na água da fonte sobre a qual está construída a capela (Pereira; Espírito-Santo, 1987; Mendonça, 1991).

Situada ao lado do santuário, encontra-se a Casa dos Peregrinos. Esta casa foi construída entre os séculos XVI e XVII com o objetivo de acolher, com dignidade e conforto, os numerosos peregrinos que ao longo da Idade Média acorriam ao Reguengo, em devoção a Nossa Senhora do Fetal. Estes peregrinos e romeiros provinham de diversas partes da região e até do país. O primeiro edifício encontrava-se a sul da Igreja, junto ao limite do cemitério, tendo sido demolido para dar lugar à atual Casa do Peregrino, no século XVII, cujas arcadas em pedra foram adquiridas em 1926 à Paróquia de Fátima.

O edifício é de planta longitudinal, retangular, com dois pisos, e cobertura em telhado de duas águas. No piso inferior, destacam-se os arcos em volta perfeita, bem como um painel de azulejos, azuis e brancos, representando o milagre da Senhora do Fetal. O piso superior é composto por sete janelas, em linhas retas. Atualmente, a casa dos peregrinos é utilizada para apoio às festas e romarias, eventos, apoio logístico aos escuteiros que aqui acampam, entre outros (Festa de Nossa Senhora do Fetal, 2024).

Na sociedade do século XXI, em que os meios e vias de comunicações permitem rápidas deslocações, continuam a ser numerosos os peregrinos que se deslocam ao Reguengo do Fetal. Contudo, estes já não utilizam as instalações locais, uma vez se deslocam para assistir às cerimónias religiosas e profanas, retornando a suas casas quando elas terminam, pelo que já não pernoitam na casa dos peregrinos.

Na Praça da Fonte, lugar central de Reguengo do Fetal, foi construída a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios. Neste lugar teria existido um templo primitivo, edificado em 1512, contudo, a atual igreja foi construída no século XVIII. Assim descrita em “A Freguesia do Reguengo do Fetal no seu 460º Aniversário” (Calado, 2001),

a actual matriz da freguesia é um templo muito gracioso, de excelente concepção ainda no presente, possuindo cinco altares.

À esquerda de quem entra no templo temos: no primeiro, Sagrado Coração de Jesus, onde também se venera N.ª Senhira de Fátima; no segundo, N.ª Senhora das Dores, com as imagens de S. José e S. Sebastião. No lado oposto, portanto à direita de quem entra, temos: no primeiro N.ª Senhora do Carmo, e, no segundo, Cristo Crucificado.

A Capela-Mor é lindíssima, com uma abóbada decorada representando o Céu.

No Altar-Mor, um trono de mármore é normalmente oculto por um painel representando Nossa Senhora dos Remédios.

Na Sacristia existe uma escultura de N.ª Senhora da Piedade, seiscentista, mas de pouco mérito artístico e sem valor escultórico.

A meio da nave, pelo Norte, situa-se, junto da porta de entrada lateral, uma pia de água-benta, de mármore, estilo manuelino, a que se atribui grande valor artístico.

A pia baptismal, que é um monobloco de mármore, tem grande valor, pela antiguidade e concepção (Calado, 2001).

Na obra de Calado (2001), são ainda referidas as obras feitas na Igreja Matriz, em consequência dos danos provocados pelo terramoto de 1969.

A também designada Igreja Paroquial de Reguengo do Fetal, ou Igreja de Nossa Senhora dos Remédios está classificada como imóvel de interesse público desde 1982 (Decreto nº 28/82, DR, 1.ª série, n.º 47 de 26 fevereiro 1982). É assim descrita por Isabel Mendonça (1991)

Igreja paroquial maneirista, barroca, revivalista, de nave em tecto de madeira, capela-mor mais elevada abobadada, capelas laterais também abobadadas, frontaria ladeada por 2 torres sineiras. Arranjo barroco da fachada. Bandeiras neogóticas nos arcos de acesso às capelas laterais. Do lado norte, dos lados da porta travessa, são visíveis as molduras de um arco entaipado e do lado sul foi posta a descoberto a moldura em cantaria de uma porta, sinais da primitiva igreja, cuja estrutura terá sido envolvida pela nova construção (Mendonça, 1991).

A Igreja Matriz assume uma importância sociocultural fundamental para a comunidade local, não só porque nela se realizam a maior parte das missas e dos eventos religiosos ao longo do ano, mas também porque constitui o ponto de chegada e de partida das procissões que compõem a romaria em honra de Nossa Senhora do Fetal.

De entre todos os eventos que integram a romaria, destacam-se as duas procissões noturnas. A primeira, saindo do Santuário no sábado do último fim de semana de setembro, é composta por uma procissão que percorre um circuito de cerca de 800 metros que separa o Santuário da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios. A figura principal desta procissão é a imagem de Nossa Senhora do Fetal, carregada aos ombros por quatro pessoas. A escultura ficará em exposição ao público, na Igreja Matriz, até ao primeiro sábado do mês de outubro.

Na segunda procissão é feito o percurso inverso, e a imagem de Nossa Senhora regressa ao seu santuário, onde permanecerá no resto do ano. Estas procissões são carregadas de expressões artísticas na medida em que o percurso por elas percorrido, assim como em muitos dos lugares da comunidade são construídas frases e imagens religiosas a partir de cascas de caracóis, com pavio embebido em azeite. São estas cascas que iluminam a freguesia durante as procissões, sendo toda a iluminação pública desligada, o que acrescenta simbolismo ao ritual religioso.

Para além desta constituir uma celebração religiosa em honra Nossa Senhora do Fetal, patrona do santuário, “compreendendo missa de festa com sermão e prática, e, ... procissão ..., que tem lugar no seu dia e nesse santuário” (Oliveira, 1984, p. 217), existe ainda uma “festa profana característica, em que coexistem elementos de todas as espécies, religiosos e profanos, cristãos e mágicos, cerimoniais e festivos, num caleidoscópio extremamente variado e complexo” (Oliveira, 1984, p. 217).

As procissões noturnas, popularmente conhecidas como procissões dos caracóis, encontram-se num processo de candidatura, submetido em dezembro de 2023 a património cultural imaterial nacional. Esta candidatura das Procissões dos Caracóis a Património Imaterial Nacional foi apresentada pelos vários agentes da comunidade, designadamente pela Junta de Freguesia e pela Paróquia do Reguengo do Fetal.

A candidatura teve o suporte da Câmara Municipal da Batalha, do Museu da Comunidade Concelhia da Batalha e do Instituto Politécnico de Leiria. Esta ação acompanha a dinâmica sociocultural local, em que tanto o património, material como o imaterial, ultrapassou já o seu valor de uso religioso, para assumir um valor simbólico secular: a construção e projeção da identidade comunitária local.

Neste contexto, o património cultural permite ativar a memória de um passado, capaz de ancorar a identidade cultural local. A memória, outrora transmitida sobretudo oralmente, comemora um passado agora registado num património cultural material e imaterial, que consolida e projeta a comunidade local interna e externamente. Na perceção de uma identidade local comum, “a memória não pode ser entendida como apenas um ato de averiguação de informações do passado, tendo em vista a reconstituição deste passado, esta deverá ser entendida como um processo dinâmico da própria rememoração, o que estará ligado à questão de identidade” (Costa, 2015, p. 43).

Neste sentido, a memória possui um carácter dinâmico, uma capacidade crítica e modeladora da imagem individual e social, pelo que pode ser evocada a qualquer momento. É sempre atual, alimenta-se de lembranças e cria sentimentos de pertença e de identidade comuns.

Maurice Halbwachs (1980) enceta a concetualização da memória enquanto fenómeno eminentemente coletivo. Sublinha, também, as recordações como processos coletivos, visto nunca vivermos nem interagirmos sem estarmos incluídos na vida social. Assim, a memória tem como principal função promover a relação entre membros de um grupo com base no seu passado coletivo, fornecendo uma ilusão de continuidade que favorecerá a manutenção da identidade do grupo, no espaço e no tempo.

Para Halbwachs: a identidade coletiva precede a memória, determinando àquela o conteúdo desta considerando, portanto, que a identidade é estável e coerente, negligenciando a natureza dialógica, negocial, conflitual quer da identidade quer da memória, considera ainda que a memória e a identidade são sistemas estáticos que favorecem a coesão social, submetendo a memória ao determinismo social, negligenciando as tensões dialéticas existentes entre a memória individual e a construção social do passado (Halbwachs, 1980).

O património cultural e artístico de Reguengo do Fetal remete os seus habitantes para lugares e referências de memória, num sistema em que a memória emerge como um dos instrumentos cognitivos mais importantes para a construção da identidade cultural local. De acordo com Ana Martins (2014), a construção e funcionamento de um lugar de memória pode ser entendido como uma seleção dos meios com que se materializará (dimensão material) a implementação de dinâmicas de funcionamento para cumprimento do seu propósito (dimensão funcional), principalmente o porquê de assegurar a manutenção desse lugar (dimensão simbólica).

Os lugares de memória surgem para dar resposta ao sentimento de descontinuidade entre o tempo presente e o tempo passado que surge na sequência das rápidas transformações sociais. A génese destes lugares não ocorre de forma esporádica, pelo que, sendo espaços construídos no presente para consolidar uma ideia de continuidade do passado, obedecem a um misto de propósitos. Subsistem interesses quando se constroem lugares de memória, estes estão, regra geral, muito próximos de discursos identitários. Os lugares de memória não são lugares estáticos fechados em si mesmos, mas sim lugares em constante mutação que lhe é assegurada pelo carácter vivo que a memória possui.

Em suma, serão lugares de transição porque estão predispostos a uma constante mutação. Enquanto jogo da memória e da história, nestes quadros de transição para além da cristalização de um passado, poderão compreender a preocupação de projetarem o futuro. Uma vez que os lugares de memória só vivem da sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (Martins, 2014).

Em Reguengo do Fetal, uma pequena localidade situada no centro de Portugal, confluem o sagrado e o profano nos seus monumentos. O Santuário de Nossa Senhora do Fetal, a Capela da Memória e a Igreja Matriz, ou a romaria em honra de Nossa Senhora do Fetal, e suas peculiares procissões dos caracóis, servem ainda o culto religioso e conjuntamente com a casa dos peregrinos, constituem os alicerces da identidade local.

Contudo, a classificação nacional dos imóveis religiosos, considerados de interesse público, remetem para a inclusão de Reguengo do Fetal no território português, sendo também eles reconhecidos como âncoras da identidade nacional. A provável classificação das procissões dos caracóis como Património Imaterial nacional, aprofundará este processo.

5. Conclusões

Todas as comunidades têm os seus mitos de origem, frequentemente associados a eventos divinos. Na tradição cristã, Deus fundou a terra e todo o universo. Nos microcosmos do Reguengo do fetal, e num tempo secular, a fé continua viva assente na crença da aparição de Nossa Senhora a uma pastora. Foi esta aparição consubstanciada na imagem material de Nossa Senhora do Fetal, que esteve na origem da comunidade local e do seu património mais significativo. Apropriado tanto pelos discursos locais, como pelos nacionais, o património cultural do Reguengo do Fetal apela à memória das origens, enquanto serve aos habitantes locais para se auto e hétero-definirem.

Não obstante as fronteiras simbólicas que distinguem um grupo cultural de outro, os intercâmbios culturais fazem-se sentir, atualmente, com uma intensidade ímpar na história da humanidade. O turismo, a emigração ou imigração, ou as migrações internas, contribuíram para disseminar o património cultural do Reguengo do Fetal e a sua objetivação identitária por lugares longínquos como os Estados Unidos da América, para onde emigraram boa parte dos reguengueiros.

Assim, seja pela classificação nacional deste património, seja pela sua vivência atual, verificamos um certo sincretismo onde à devoção e fé, se junta o desejo de afirmar culturalmente a comunidade através de uma racionalidade assente no património cultural e artístico do Reguengo do Fetal.

Esta dinâmica social e cultural que o tempo e o espaço, encurtados pelos meios que originaram a globalização, trouxe novas linguagens às práticas culturais comunitárias seculares e, muitas vezes, milenares.

6. Referências

- O Couseiro ou Memórias do Bispado de Leiria*. (1868). Typografia Lusitana.
- Barnay, S. (1999). *Le ciel sur la terre. Les apparitions de la Vierge au Moyen Âge*. Cerf.
- Bezerra, K. (2011). *História Geral das Religiões - Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife*. <https://acortar.link/KVQ4NN>
- Braga, I. (2019-2020). Religiosidade, Cultura Material e Arte para o Estudo dos Ex-votos Portugueses da Época Moderna ao Presente. *Revista Escritas do Tempo*, 1(3), 79-96.
- Calado, J. (2001). *Reguengo do Fetal: contributos para o estudo histórico-etnográfico duma freguesia plurissecular*. Edição do Autor.
- Calado, J. (2001). A Freguesia do Reguengo do Fetal no seu 460º Aniversário. En *Reguengo do Fetal: contributos para o estudo histórico-etnográfico duma freguesia plurissecular*. Autoedición.
- Capelinha da Memória (2024). *Portugal, Leiria, Batalha, Reguengo do Fetal*. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1770
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação: guia para auto-aprendizagem*. Universidade Aberta.

- Costa, E. (2015). *O futuro no passado de Ermesinde: o património na construção da identidade* [Tesis de Maestría]. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Decreto n.º 5/2002. 19 de febrero de 2002. Diário da República, I Série-B, No. 42. <https://servicos.dgpc.gov.pt/pesquisapatrimonioimovel/detalhes.php?code=73174>
- Decreto n.º 28/82. 26 de fevereiro de 1982. Diário da República, No. 47. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto/28-1982-600294>
- Duby, G. y Laclotte, M. (1997). *História Artística da Europa*. Editora Paz e Terra.
- Espírito Santo, M. (2000). *Comunidade Rural ao Norte do Tejo seguido de Vinte Anos Depois*. Associação de Estudos Rurais – Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Fernandes, A. (1995). *Métodos e Regras para elaboração de Trabalhos Académicos e Científicos*. Porto Editora.
- Ferreira, F. (2002). A linguagem fotográfica na islã. *Travessia - Revista Do Migrante*, 42, 22-28. <https://doi.org/10.48213/travessia.i42.833>
- Filho, D. (2020). *Pequena História da Arte*. Papirus Editora.
- Freguesia de Reguengo do Fetal. (2024). *Festa de Nossa Senhora do Fetal*. <https://acortar.link/nVF7NR>
- Geertz, C. (1989). *A Interpretação das Culturas*. LTC.
- Gomes, S. (2012). *Reguengo do Fetal – Documentos Históricos*. Junta de Freguesia de Reguengo do Fetal.
- Halbwachs, M. (1980). *The collective memory*. Harper and Row.
- Hanania, A. (1999). *A Caligrafia Árabe*. Martins Fonte.
- Leal, P. (1875). *Portugal Antigo e Moderno*, VII Ed. Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia.
- Loiacono, M. (2006). *Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no Exílio em São Paulo. Etnicidade e Identidade Religiosa: “um Estudo de Caso”* [Tesis de Maestría]. Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- Magalhães, F. (2005). *Museus, Património e Identidade: ritualidade, educação, conservação, pesquisa e exposição*. Profedições.
- Magalhães, F. (2012). *À procura de um lugar na Europa: o património nos discursos sobre Leiria e suas regiões*. Instituto Politécnico de Leiria.
- Magalhães, F. (2018). “Turismo, Museus e Metamorfoses do Azulejo Português no espaço e no tempo”. *RITUR - Revista Iberoamericana de Turismo*, 8(4), 24-52. <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/5591>

- Martins, A. C. (2014). *A construção de um lugar de memória: conjunto etnográfico de Moldes de Danças e Cantares arouquenses (1944-2013)* [Tesis de Maestría]. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Mendonça, I. (1991). *Capelinha da Memória*.
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1770
- Mendonça, I. (1991). *Igreja Paroquial de Reguengo do Fetal/Igreja de Nossa Senhora dos Remédios*.
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1765
- Narrativa das Aparições de Fátima. (2024). *Narrativa das Aparições de Fátima*.
<https://www.fatima.pt/pt/pages/narrativa-das-aparicoes>
- Oliveira, E. (1984). *Festividades Cíclicas em Portugal*. Publicações Dom Quixote.
- Pereira, S., & Espírito-Santo, M. (1987). *O Concelho da Batalha*. Câmara Municipal da Batalha.
- Procissão dos Caracóis. (2024). *Procissão dos Caracóis*.
<https://sites.ipleiria.pt/procissaocaracois/>
- Reis (1 de outubro de 1967). *Jornal do Reguengo*.
- Rollo, H. (2013). Mobilidade Social na Idade Média: um breve estudo sobre os ministeriales na Alemanha Social Mobility in the Middle Ages: a brief study on the ministeriales in Germany. *Revista de Ciências Humanas*, 47(2), 289-305.
<http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2013v47n2p289>
- Sales, L. (2013). A legitimação das aparições da Virgem Maria: estratégias e agências. *Etnográfica*, 17(2), 317-339. <https://doi.org/10.4000/etnografica.3136>
- Shore, C. (2000). *Building Europe: The Cultural Politics of European Integration*. Routledge.
- Vieira, R. (2009). *Identidades Pessoais*. Colibri.
- Vieira, R., & Vieira, A. (2010). *Os saberes da antropologia da educação e a emergência de novos papéis sociais em escolas portuguesas*. 27.^a Reunião da ABA – Associação Brasileira de Antropologia. <https://acortar.link/sILzqC>

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES, FINANCIAMENTO E AGRADECIMENTOS

AUTOR(ES):

Fernando Paulo Oliveira Magalhães

CRIA-ISCTE e IN2PAST / ESECS - Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.

Fernando Magalhães é professor do Instituto Politécnico de Leiria, desde o ano 2000, e investigador do CRIA - Centro em Rede de Investigação em Antropologia, no ISCTE, é doutor em antropologia, na especialidade de museologia e património, pelo ISCTE-IUL - Lisboa. Os seus interesses de investigação situam-se nas áreas da antropologia social e cultural em geral, da museologia, do património cultural e do turismo. Das suas publicações destacam-se “Museus, Património e Identidade: Ritualidade, Educação, Conservação, Pesquisa, Exposição”, e “À procura de um lugar na Europa: o património nos discursos sobre Leiria e suas regiões”. Tem colaborado com colegas brasileiros e espanhóis em publicações como “Museologia e Património” e “Ensaio sobre a Memória”, assim como tem publicado artigos em revistas internacionais.

fernando.magalhaes@ipleiria.pt

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-1206-8622>

Scopus ID: <https://www.scopus.com/authid/detail.uri?authorId=55180688500>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Fernando-Magalhaes-10>

Academia.edu: <https://ipleiria.academia.edu/PauloMagalh%C3%A3es?swp=rr-ac-9847943>

José António Duque Vicente:

ESECS - Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.

José Duque Vicente é detentor da Licenciatura em Serviço Social, Pós-Graduado em Intervenção Social, Mestre em Intervenção social, Inovação e Empreendedorismo, tem Diploma de Estudos Avançados em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Doutoramento em Serviço Social pelo ISCTE -Instituto Universitário de Lisboa. É Professor na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria. Dedicar-se ao ensino e à investigação e tem várias publicações em revistas especializadas nacionais e internacionais. Os seus interesses de investigação situam-se na área da intervenção social com pessoas portadoras de comportamentos aditivos; Serviço Social e Modelos de bem-estar na infância e juventude, exclusão social e reinserção social; educação e desenvolvimento comunitário e intervenção social pelas artes.

jose.vicente@ipleiria.pt

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3988-4141>

ResearchGate: <https://www.researchgate.net/profile/Jose-Vicente-25>